

## ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN E O FAZER DOCENTE COMO UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

Valdicleide Rodrigues das Neves Bezerra

*Universidade potiguar (UNP)*

[Valdicleide\\_rodrigues@gmail.com](mailto:Valdicleide_rodrigues@gmail.com)

Francisca Maiane da Silva

*Universidade potiguar (UNP)*

[maianefssilva@gmail.com](mailto:maianefssilva@gmail.com)

Núzia Roberta Lima

*Universidade potiguar (UNP)*

[nrobertalima@hotmail.com](mailto:nrobertalima@hotmail.com)

### RESUMO:

O presente texto relata uma experiência em acompanhamento através do Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia da Universidade Potiguar-UNP, Campus Mossoró-RN, a uma criança com síndrome de DOWN, em uma instituição privada de ensino. Nisto, o objetivo deste estudo consiste em analisar as competências de pedagógica na promoção da inclusão educacional, bem como refletir os avanços na aprendizagem de uma criança com síndrome quando acompanhada por um atendimento educacional especializado pelas acompanhantes de sala de aula. Nosso estudo é pautado em um relato de experiência de profissionais da área de educação que acompanharam diariamente uma criança com síndrome no contexto escolar. Os achados iniciais desta escrita mostram que o aluno com necessidades especiais quando acompanhado pelo pedagogo, favorece a estimulação da aprendizagem orientada. Percebemos as transformações intelectuais da discente, amparada no apoio da equipe pedagógica incluindo professores, coordenadores e a família tendo em vista que a promoção da inclusão se faz com a participação de todos. Ainda salientamos que a criança com síndrome não acompanhava a aprendizagem escolar da sala de aula, porém, com a atenção exclusiva do profissional, percebemos um avanço no seu processo de alfabetização. Portanto, cremos na importância do profissional em formação e na rica experiência agregada a luta por uma educação inclusiva, considerando a relevância do Estágio Supervisionado para a formação dos futuros educadores.

**PALAVRA CHAVE:** Educação, Competência, Inclusão, Família, Avanço.

### INTRODUÇÃO

Este artigo reflete sobre as nossas vivências em acompanharmos o processo de aprendizagem de uma criança com de síndrome de Down, frisando ainda os seus avanços cognitivos e mudança de comportamento.

Neste sentido, convém lembrar sobre a necessidade de se discutir sobre a educação inclusiva teve um do seu marcos oficial com a Declaração de Salamanca em 1994, que evidência o conceito de educação inclusiva e o direito da criança com necessidades especiais na escola, inclusive no ensino regular gozando dos mesmos direitos da criança que se diz “normal”.

Nisto, o objetivo desse trabalho é mostrar que apesar dos avanços na inclusão, ainda necessita de muitos ajustes, mesmo que a escola escolhida para esse estudo tenha uma ampla estrutura, seja adaptada e tenha funcionários competentes, ainda assim percebe que há um

longo caminho a percorrer para que haja melhoras nesse processo de inclusão. Precisamos de mais investimentos das políticas inclusivas da educação na formação continuada dos profissionais da educação que lidam com práticas inclusivas em sala de aula, seja por meio de palestras, cursos, seminários. Entretanto, sabemos que a formação continua é existente para a equipe pedagógica, contudo, é necessário mais investimento na formação, pois ainda que o corpo docente seja competente, é notório a dificuldade deste profissional de lidar com essa criança no tocante ao ensino aprendizagem.

Ao discutirmos acerca da temática em questão, se faz preciso destacarmos, os quatro pilares da educação que segundo Delors (1998), são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a conviver juntos para que possamos vislumbrar o respeito e a aceitação do professor e colegas de salas de aulas aos alunos especiais. Nisto, convém a necessidades de metodologias ativas atraia a atenção da criança com necessidades específicas da pessoa com deficiência ou não.

A educação inclusiva ainda tem encontrado inúmeras resistências, dentre elas, está a aceitação. A igualdade de oportunidades, o altruísmo e a aceitação ao outro, respeitando as diversidades os mecanismos para avançar na educação inclusiva. Vemos que em pleno século XXI ainda existe preconceito por parte de alguns colegas de sala da aluna com síndrome de down, percebe-se que uma boa parte da turma ainda olha criança como uma menina impossibilitada de aprender e nós sabemos que não é, pois se a mesma for estimulada ela será tão capaz quanto qualquer outra pessoa, sendo na sua maneira e no seu tempo.

Temos esse olhar para a aprendizagem por nós apoiamos na linha do construtivismo que apresenta práticas construídas junto aos alunos de fácil assimilação de conteúdo. Piaget afirmava: "... os indivíduos nascem apenas com potencialidades (capacidade inata) a capacidade de aprender. Assim, todo conhecimento e todo o desenvolvimento da criança depende de exposição ao meio e dos estímulos advindos deste" PIAGET (1974). Para Jean Piaget, a base do conhecimento é a transferência e assimilação de "estruturas". Assim, um conhecimento, um estímulo do meio é encarado como uma estrutura que será "assimilada" pelo indivíduo através de sua capacidade de aprender.

Este texto compõe referencial de teórico sobre inclusão, entrelaçado a um relato de experiência de nossa atuação enquanto discentes no acompanhamento de uma criança com síndrome de down.

## METODOLOGIA

Para realização deste estudo, utilizamos da revisão bibliográfica, a qual teve como referência a Constituição da República Federativa do Brasil (1988) é assegurado o exercício dos direitos sociais do indivíduos, a liberdade, a segurança do bem estar e o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremo de uma sociedade fraterna pluralizada e sem preconceitos, esses são direitos a nós constituídos, valorizar o outro apesar de suas limitações pois vivemos com diversidade de povos. Discutimos a partir do Referencial Curricular Nacional para a Educação (2000) que traz a educação inclusiva como um direito assegurado. A educação inclusiva, antes de ser promulgada na LDB. 96 já entendia o atendimento especializado a criança com necessidades especiais era competência da área de educação.

Destacamos os Parâmetros de Qualidade da Educação Inclusiva (2006) que mostram a educação inclusiva com modalidade de educação escolar, que perpassa todas as etapas e níveis. A formação dos professores e as necessidades de organização de sistema de educacionais inclusivos para a concretização dos direitos são caminhos para uma educação inclusiva ocorrendo em salas regulares de ensino.

Reforçamos também nesta escrita, a importância do documento elaborado na Conferência Mundial sobre Educação Especial, em Salamanca, na Espanha, em 1994, com o objetivo de fornecer diretrizes básicas para a formulação e reforma de políticas e sistemas educacionais de acordo com o movimento de inclusão social.

Na Declaração de Salamanca é considerado um dos principais documentos mundiais que visam a inclusão social, ao lado da Convenção de Direitos da Criança (1988) e da Declaração sobre Educação para Todos de 1990. Ela é o resultado de uma tendência mundial que consolidou a educação inclusiva, e cuja origem tem sido atribuída aos movimentos de direitos humanos e de desinstitucionalização manicomial que surgiram a partir das décadas de 60 e 70. A educação Salamanca foi um acontecimento pioneiro pelo fato de unificar a educação um direito de todos a sua nova ideia de inclusão e amparo as crianças e adolescentes que possuem qualquer tipo de deficiência

A nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular): equidade e igualdade dizem que em um país com autonomia dos entes federados como o Brasil que possui uma pluralidade, diversidade cultural e desigualdade social, busca por Equidade na Educação, a Equidade requer que a instituição escolar seja deliberadamente aberta a PLURALIDADE e a DIVERSIDADE e que a experiência escolar seja prazerosa e agradável a todos sem exceção. Dessa maneira, a equidade reafirma seu compromisso de rever as exclusões que marginaliza

muitos grupos: como os indígenas e os quilombolas, reafirmando seu compromisso com alunos com deficiência, ao reconhecer a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e de diferenciação curricular conforme estabelecida na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13146/2015)

A LBI- Lei Brasileira de Inclusão, LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015 reforça a inclusão da pessoa com deficiência e destina a assegurar e a promover, condições de igualdade o direito e a liberdade a pessoa com deficiência, visando a sua inclusão social, considera se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual, ou sensorial, pode se obstruir participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais crianças.

Para fundamentar e articular as discussões, o aporte teórico utilizado foi baseado nas contribuições da autores, Marcia Honora (2008) Paulo Freire (1996) Declaração de Salamanca (1994), Feuerstein que discute sobre a modificação cognitiva estrutural (1998) e Vygotsky (1993) para abordar a importância da mediação.

Além, dos estudos teóricos, buscamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (Lei 9394/96) que estabeleceu, entre outros princípios: "igualdade e condições para o acesso e permanência na escola" e adotou nova modalidade de educação para "educandos com necessidades especiais." (Art.3. 1996).

Destacamos também as nossas vivências com a inclusão através do Estágio Supervisionado da UNP, o qual considerou que a pesquisa também é de campo, por realizarmos em uma instituição escolar, uma experiência mediada, que segundo Feuerstein (1998), essa Experiência de Aprendizagem Mediada – EAM possibilita o desenvolvimento de ferramentas teórico-metodológicas capazes de produzir Modificação Cognitiva Estrutural, necessária às demandas da contemporaneidade. Este autor argumenta que a modificação do sujeito é, necessariamente, a modificação da relação do sujeito consigo próprio no - e com o - seu entorno. Feuerstein.

(...) uma interação qualitativa entre o organismo e seu meio ambiente. Esta qualidade é assegurada pela interposição intencional de um ser humano que medeia os estímulos capazes de afetar o organismo. Este modo de interação é paralelo e qualitativamente diferente das modalidades de interação generalizadas e difusas entre o mundo e o organismo, conhecido como contato direto com o estímulo (FEUERSTEIN, 1994, p. 7).

Compactuando com a ideia do autor, é fundamental aqui, destacar um dos aspectos que Vygotsky (1993) apresenta como de suma importância: o das consequências desse conceito para a relação entre desenvolvimento e aprendizagem escolar. O autor critica a

aprendizagem que se limita ao nível de desenvolvimento atual e pontua que o bom ensino é justamente aquele que trabalha com a zona de desenvolvimento potencial, aprimorando o conhecimento do outro possibilitando um aprendizado significativo.

Não há uma receita para ensinar, cada professor tem sua maneira de desenvolver seu trabalho assim como cada criança possui seu próprio ritmo de aprendizagem, por sua vez cada ser humano possui habilidade diferente de lidar com a diversidade encontrada em sala de aula, é um tanto complicado, porém essa é uma oportunidade de promover a troca de conhecimentos, entre aluno e professor construindo juntos conceitos teóricos e aptidões na prática de ensino.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO.**

A aprendizagem de uma criança com síndrome de down é uma experiência riquíssima, pois a mesma possui uma sensibilidade inigualável, mesmo em suas limitações, consegue compreender e observar tudo em sua volta, de uma maneira inocente e natural sempre percebe quando o outro suas emoções, além de ser muito carinhoso e educado.

Acompanhar o processo cognitivo de crianças que possui essa síndrome é perceptível o conflito que a mesma partilha diariamente, além disso, é de suma importância destaca que o apoio pedagógico é um dos grandes fatores que possibilita ao aluno alcançar um bom desempenho nas atividades escolares e não escolares.

O primeiro contato com a criança foi procurarmos conhece-la pelos seus gostos e preferências e o que chamava a sua atenção. Tivemos um período de quinze dias de observação para poder entrar com a prática, tendo em vista que a mesma residia e estudava em outro estado e que trazia consigo o diagnóstico de alfabetizada. Porém a criança apresentou um quadro preocupante já que a mesma não conhecia todo o alfabeto e escrevia apenas seu primeiro nome, visto isso iniciamos o planejamento a partir de suas dificuldades e habilidades, pois a mesma tem uma grande habilidade com música e dança, então uni a letra da música na alfabetização e começamos a elaborar atividades com músicas, “cantava” a música e depois separávamos as sílabas das palavras junto com ela. Trazíamos recorte de canções, jogos educativos e assim fomos aos poucos ganhando flexibilidade e confiança.

Hoje partilhamos de um relacionamento um tanto otimista, deixando evidente que embora tenha suas limitações esse quadro vem evoluindo de maneira positiva, isso ocorrendo, graças ao trabalho pedagógico comprometido, na busca pela inclusão escolar de maneira mais significativa, a qual destacaremos algumas atividades desenvolvidas durante o

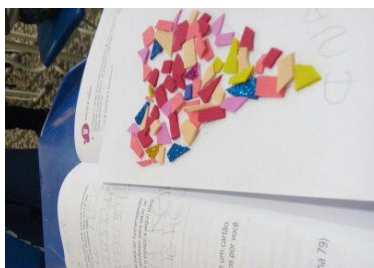
acompanhamento da criança em sala de aula, que através do estímulo diário, podemos perceber resultados surpreendentes.



**Imagem 1:** atividade realizada pela criança com síndrome, acompanhada pelas estagiárias.

**Fonte:** Registro fotográfico realizado pelas alunas estagiaria.

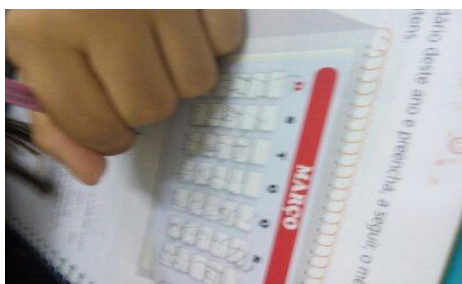
As crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas devem se adequar [...] elas constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos. Declaração de Salamanca (1994 p. 8-9): a declaração de Salamanca assegura esse direito a criança deficiente.



**Imagem 2:** Atividade complementar – cartão do dia das mães, feito pela criança com síndrome.

**Fonte:** Registro fotográfico realizado pelas alunas estagiaria.

Nesta atividade a criança mostrar avanços cognitivos, mesmo com suas limitações consegue escrever cartão em homenagem ao dia das mães.



**Imagem 3:** Atividades de matemática.

**Fonte:** Registro fotográfico realizado pelas alunas estagiaria.

Através da matemática a criança começa a desenvolver seu raciocínio lógico, capaz de associar os números aos dias da semana, através do calendário aprendendo a matemática significativa, fazendo uso dos contagem ao seu entorno.

Mediante ao exposto, visualizamos a importância do Estágio, e a formação do docente em Pedagogia, para aprender a conviver com a inclusão em sua prática educativa desde cedo. Pois é nesse momento onde unimos teoria e prática, exercendo a função de professor ativo, fazendo da sala de aula um campo de estudo capaz de responder as metáforas que antes se ouvia, nesse momento passamos a fazer parte da realidade educacional existente.

Destacamos a contribuição da Universidade Potiguar-UNP campus Mossoró-RN, que através de parcerias com as escolas incentiva aos alunos graduandos do curso de licenciatura em pedagogia, momentos práticos através do estágio supervisionado, oportunidade de aprender a conviver e efetuar seu papel enquanto docente com a diferença do outro, a partir do momento que disponibiliza através do estágio a oportunidade dos alunos atuarem diretamente acompanhando crianças com necessidades especiais.

Portanto o estágio em sua totalidade é imprescindível para a formação docente. Viver a prática do fazer, por meio de planejamento, aplicar a atividade interagindo de forma ampla e eficaz, conhecendo a realidade do indivíduo inserido no contexto educação, as atividades desenvolvidas neste processo tornam-se essenciais para o desenvolvimento cognitivo e intelectual da criança respeitando suas limitações no processo ensino aprendizagem.

Este estágio nos trouxe uma visão diferente sobre inclusão, pois antes ouvíamos muito falar em inclusão porém não sabia o seu real significado, nem o que a inclusão representava na vida de quem realmente débito dela, procuráramos em mostrar para essas crianças deficientes que independente de suas limitações elas são especiais assim como qualquer outra criança, a fazer se sentir inserida no contexto educacional é muito gratificante. A atividade docente em sua complexidade se expande além dos muros da escola tendo sempre em mente uma formação continuada, pois a todo instante a educação vem sofrendo modificações e cabe a nós enquanto futuras educadora buscar conhecimento que acrescente valor a nossa prática como atuante e agente transformador da educação.

Á formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc... Realizando um processo constante de auto-avaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes. (IMBERMÓN, 2001 p. 48 -49).

Baseando se numa reflexão, o docente deve se auto- avaliar para tentar compreender se sua prática docente está realmente de acordo com o aprendizado do aluno, levando em conta o sujeito ação e reflexão, toda ação tem seus reflexos, levantar a seguinte questão: será que a maneira a qual eu ensino meu aluno ele consegue aprende? Procurar observar os reflexos que seu ensinamento causou no aluno, será que ele realmente absorveu o que foi transmitido? Esses são pontos que o professor tem que sempre está observando para que aja uma troca de conhecimentos, fazendo com que esse diagnostica lhe possibilite um ensino de qualidade.

O cuidado preciso considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção da saúde. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseados em conhecimentos específicos sobre desenvolvimento biológico, emocional e intelectual das crianças, levando em conta diferentes realidades socioculturais. (BRASIL, 1998, p. 25).

A partir da citação acima, vimos o cuidado em perceber a necessidade da criança em aprender se os caminhos percorridos pelo professor, os procedimentos estão adequados a essa criança para assim haver um processo de desenvolvimento cognitivamente na criança, por isso a importância de conhecer a realidade do aluno, fazendo uma sonda sobre o seu conhecimento prévio, oportunizando a introdução e eficácia dos próximos ensinamentos.

No passado, aproximadamente na década de 1970, inicia uma mudança filosófica em que as escolas regulares passam a “aceitar” crianças ou adolescentes deficientes na classe comum, desde que conseguissem se adaptar à escola comum. Ou seja, o objetivo consiste no fato de que o aluno é quem deve se adaptar à escola. Em meados dos anos 80, isso passou a ser discutido que a escola deveria se adaptar e incluir a criança e não a criança se adaptar a escola..

As necessidades específicas das crianças não podem ser medidas e definidas genericamente. Há que levar em conta a situação atual da pessoa, ou seja, a condição que resulta da interação entre as características do indivíduo e as do ambiente.

Porém a escola na qual desenvolvemos o trabalho junto a crianças com necessidade especial, possui uma adaptação adequada, com profissionais competentes, partilhando do apoio da família da criança estudada com síndrome de down na qual nós auxiliamos, promovendo atividades com metodologias ativas, dessa forma garantindo o desempenho gradativamente da mesma.

Temos como maior desafio o próprio sistema de ensino, que o professor muitas vezes atua em sala com crianças com deficiência e não dispõe de auxiliares para dar assistência,



quando na verdade aquela criança que precisa de acompanhamento muitas vezes o professor regular da sala de aula não tem como assistir de perto porque as salas são numerosas e acaba que impossibilitando a disponibilidade um olhar mais abrangente na sala.

Com a nova BNCC (Base Nacional Curricular), sabemos que muita coisa vai mudar, como tudo que é novo nos causa um certo receio é importante conhecermos a nova BNCC para que venhamos compreender de fato o que ela nos traz de impactante, uma das coisas observadas é que embora a BNCC nos deixe claro sobre a necessidade do processo de inclusão ela não nos norteia quanto a utilização de estratégias que facilitem ou nós orientem no ensino a criança com deficiência, isso é algo que deve ser analisado antes de finalizar esse documento de acordo com o nosso ponto de vista estudado.

## CONCLUSÃO

Este trabalho nos trouxe uma análise reflexiva sobre nossa prática pedagógica na Educação inclusiva, com uma criança com síndrome de Down tentando compreender a sua aprendizagem e interação no contexto escolar. Procurando entender da melhor maneira suas limitações e superações, considerando seu conhecimento de mundo, afirmando que mesmo sendo uma down é capaz de desenvolver seu lado intelectual, respeitando seu tempo de aprendizado.

Mesmo não podendo colocar em pratica todo conhecimento adquirido ao longo do curso na UNP – Universidade Potiguar, podemos afirmar que foi uma experiência maravilhosa. Acreditamos que a prática do estágio nos torne cada vez mais capazes de irmos além, superando nossas expectativas e conseguindo nossos objetivos no ensino aprendizado.

Enfatizamos que uma criança com síndrome de down tem suas limitações e deve ser respeitada, tem todo um processo de adaptação a cada avanço é uma vitória, porém é preciso de incentivo capaz de estimular o seu aprendizado para se prosseguir com os avanços.

## REFERÊNCIAS

BRASIL: MEC/SEB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acessado em 15.11.2015.

BRASIL: MEC/SEB. **Parâmetros de Qualidade da Educação Infantil**. V.1, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf>>. Acesso em: 08.11.2015.

BRASIL: MEC/SEB. **Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil: Conhecimento de Mundo. V.3, 1998.**

BRASIL: MEC/SEB. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Introdução. V.1, 1998.**

HONORIO, Marcia. **Esclarecendo as deficiências: ASPECTOS TEÓRICOS E PRATICOS PARA CONTRIBUIR PARA UMA SOCIEDADE INCLUSIVA.** 1 ed. SÃO PAULO: CIRANDA CULTURAL, 2008.

PORTAL MEC.GOV. **Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. **Ministério da educação.** Disponível em: <[basenacionalcomum.mec.gov.br](http://basenacionalcomum.mec.gov.br)>. Acesso em: 24 mai. 2018.

MEDEL, Cássia Ravena Mulin De A. **Educação infantil: DA CONSTRUÇÃO DO AMBIENTE ÀS PRÁTICAS PEDAGOGICAS.** 4 ed. RIO DE JANEIRO: VOZES, 2014. Xx p.

FORUMEJA.ORG. **Pedagogia da autonomia.** Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/autonomia.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2018.